

Incerteza econômica volta a deixar pessoas inseguras

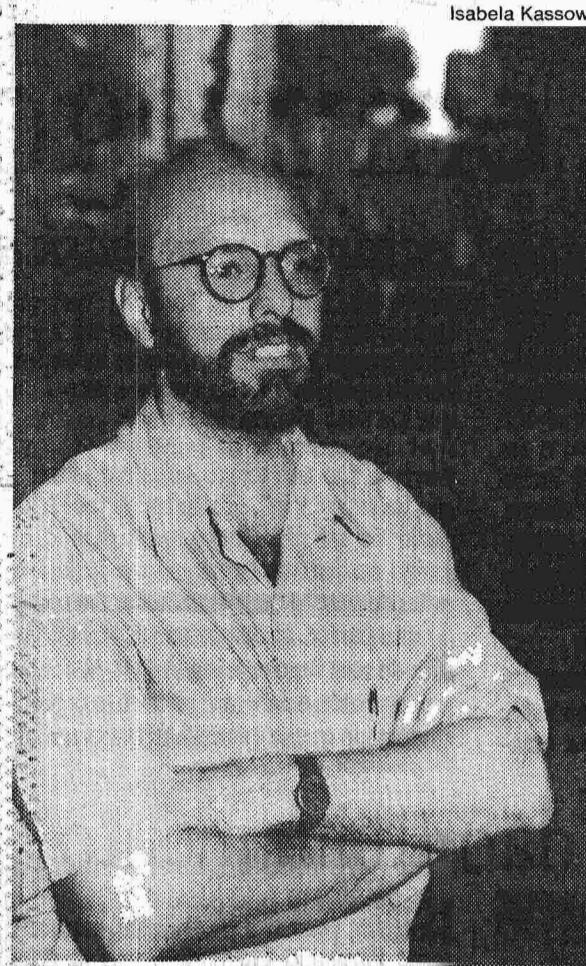
Ainda rescalados com o confisco do dinheiro pelo Plano Collor I, em março de 1990, e vivendo a expectativa de novas incertezas no quadro econômico com o agravamento da crise política, a partir do pedido de impeachment do presidente Collor, os brasileiros vivem dias de ansiedade e incertezas quanto ao futuro de seu dinheiro. Não bastasse o quabra-cabeça político das últimas semanas, a volta de um velho personagem torna a tirar o sono de muita gente: o tigre da inflação escapou da única bala presidencial e, como quem comemora o fim de uma dieta, começa a afiar suas garras.

A maioria dos entrevistados — profissionais autônomos e assalariados e alguns empresários — descarta a hipótese de um novo confisco amplo e irrestrito dos cruzeiros, até mesmo na hipótese da formação de um novo governo, com o afastamento do presidente Collor e a posse do vice Itamar Franco. Ainda assim, acostumadas com uma enxurrada de planos econômicos nos últimos anos, as pessoas revelam um sentimento generalizado de desconfiança sobre o que possa acontecer na economia. E esse sentimento, detectado em várias capitais no país, é tão forte como o da frustração provocada pelo confisco.

Desde o cabeleireiro gaúcho, que vê com

apreensão a queda de metade da sua clientela, até o segurador que faz malabarismos com o salário para, no final do mês, separar 40% para a compra de dólares, o que se vê é um clima de indisfarçável apreensão. Nesse momento, seja qual for a aplicação financeira escolhida para proteger o patrimônio, percebe-se, nitidamente, que falta às pessoas um elemento básico no exercício do dia-a-dia de qualquer sociedade: confiança. Medo é o que se segue ao fim de cada depoimento.

Equipe: Mário Moreira (RJ), Marta Feldens (PR), Rosânia Nicolau (MG), Sandra Rodrigues (RS) e Stela Lachtermacher (SP)



Serafim Paez
Professor universitário

"O impeachment pode mudar toda a diretriz da política econômica", acredita Serafim Forbes Paz, professor da Universidade Federal Fluminense. Para ele, "pessoas que estão por trás do governo" estimulam a difusão de boatos sobre possíveis dificuldades na economia, no caso da substituição do presidente. "Mas eu, como assalariado, não posso fazer nada para me proteger", lamenta. "Se me sobrasse algum dinheiro para investir, deixaria na caderneta de poupança. Não acredito que o governo volte a mexer nisso, porque haveria uma revolução no país." No momento, Serafim está mais preocupado com a votação da isonomia salarial do funcionalismo público federal, que deverá ocorrer esta semana.

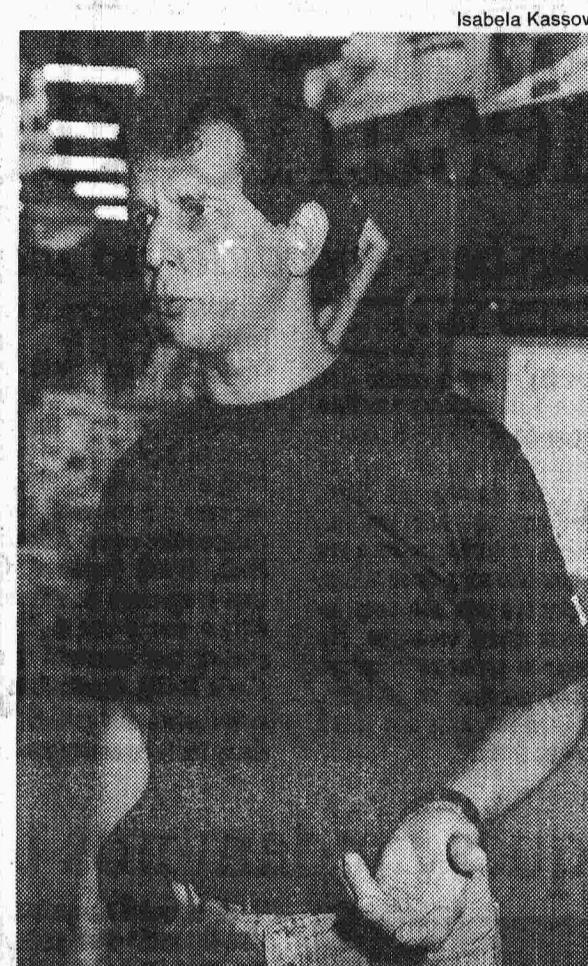
Porto Alegre — Mauro Mattos



Luciano Sampaio
Segurário

O segurário Luciano Sampaio está na expectativa do que possa acontecer na economia a partir da crise política. "Se acontecer mesmo o impeachment, o Itamar vai botar todo o mundo no bolso", prevê ele. Para Luciano, o Brasil ainda sofrerá muito por pelo menos mais um ano, período em que ocorrerá "um grande aumento da especulação financeira". Como forma de prevenção, Luciano vem investindo pelo menos 40% do seu salário na compra de dólares. "Estou mantendo no fundo apenas o mínimo necessário para as despesas do dia-a-dia. Até os CDBs eu tenho evitado, por causa da falta de liquidez", explica. Caderneta de poupança, garante, nem pensar. "Só se eu fosse louco."

Curitiba — Marcos Campos



Jurandir Lima
Segurário

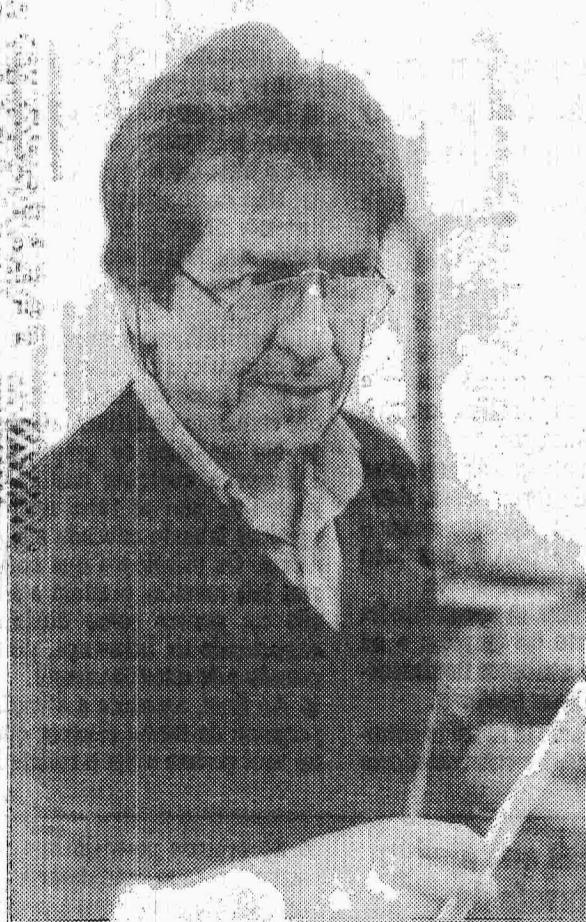
Para o escriturário Jurandir Lima, o trauma do confisco dos cruzados novos, no início do governo Collor, ainda não passou. "Mesmo com a devolução, acabei perdendo dinheiro, porque a valorização do que ficou bloqueado foi muito menor que a inflação. Quem garante que o Itamar não vai fazer alguma coisa parecida?", indaga. "E ainda que não faça, acho que a situação vai piorar bastante", afirma. Definindo-se como "gato escalado", Jurandir decidiu agora não guardar mais dinheiro, preferindo gastá-lo em coisas úteis. A primeira providência nesse sentido foi comprar uma aparelhagem de som, por Cr\$ 4,3 milhões. "Assim, pelo menos dá para ouvir uma musiquinha e relaxar de toda essa preocupação com a economia", diz.



Paulo de Moraes
Produtor rural

O produtor rural Paulo Tettamanzi de Moraes, 38 anos, acredita que "pior do que está a situação econômica nacional, só com uma bomba atômica". Atuando na administração de duas fazendas de produção pecuária em Santana do Livramento, fronteira gaúcha com o Uruguai, Moraes diz que está tranquilo quanto a mudanças na condução política do país. "Neste momento, não temo nada do que vier pela frente." Para ele, um gaúcho tradicional e de família de políticos do Rio Grande do Sul, a receita para acabar com as crises políticas no país é deixar o governo "para o setor primário, secundário e terciário administrarem, ou seja, quem produz saiba o que o país quer". Ele acha que "o Brasil não vai se ajeitar com políticos no governo".

Curitiba — Marcos Campos

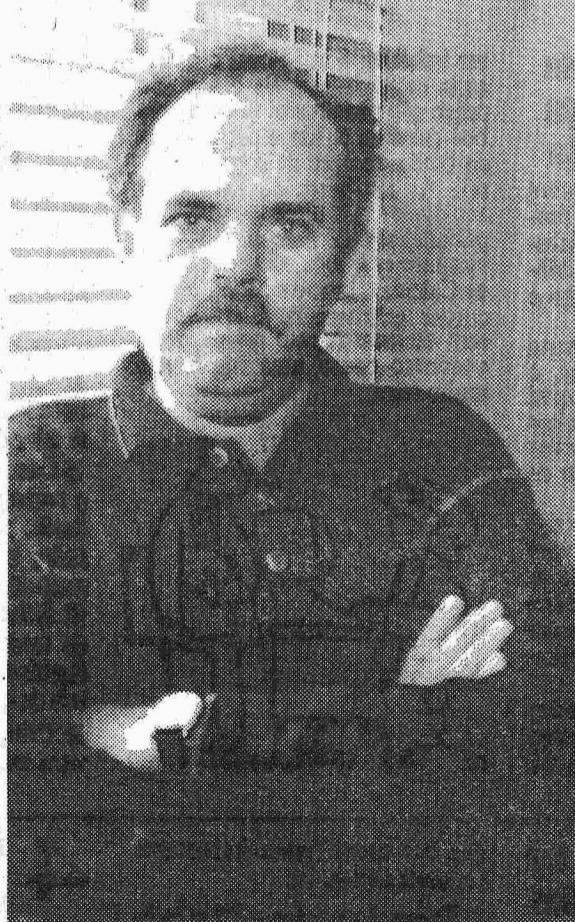


Americano Oliveira
Cabeleireiro

O cabeleireiro Americano Oliveira, 52 anos, dono de um movimentado salão masculino no bairro classe média, Menino Deus, em Porto Alegre, só espera que, se houver troca de presidente, isso não represente a queda da clientela para o seu negócio, reduzida em 50% desde o início do ano. "Tem gente deixando de cortar o cabelo com maior frequência por causa da escassez de dinheiro", conta ele, que cobra Cr\$ 30 mil por corte. "Pior do que está, não vai ficar", diz.

Ele foi uma das vítimas do confisco do inicio do governo Collor, bloqueando "um pouco de cruzados novos na conta remunerada", liberados nas prestações de um automóvel. Mesmo assim, acha pouco provável que ocorra um novo bloqueio. "Eles não têm mais o que tirar do povo", observou.

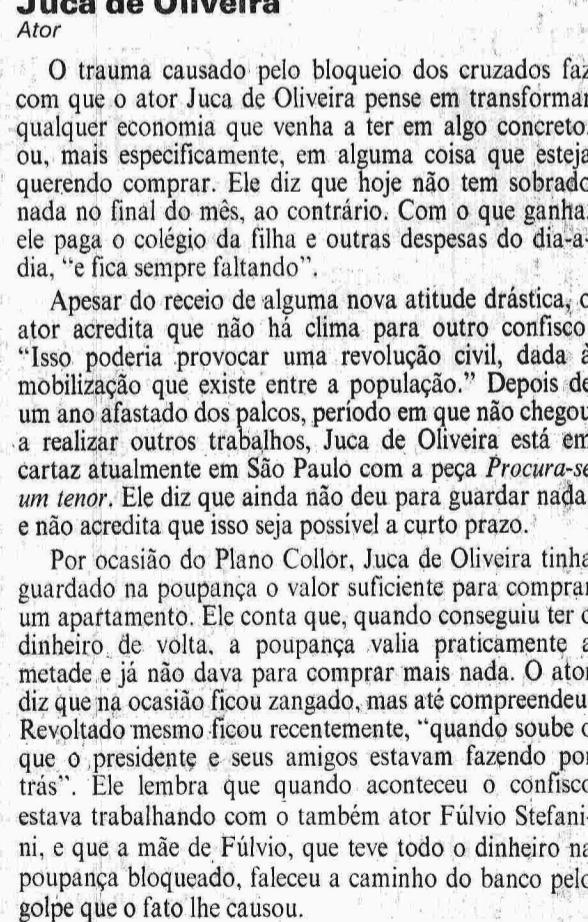
Americano acredita que o vice-presidente Itamar Franco tenha condições de governar o Brasil, escolhendo bons ministros. "Esperança sempre a gente tem um pouquinho de que a vida vai melhorar."



Colatino Neto
Empresário

O empresário Colatino de Castro Neto não crê que o governo federal pratique um novo confisco do dinheiro depositado nos bancos ou em outra medida radical em novo plano econômico. "Haveria um quebra-quebra nos bancos", diz ele, um collorido desde o primeiro turno da eleição presidencial, que se notabilizou por praticar descontos nos preços dos combustíveis no Posto Colito, em Curitiba.

Colatino já não tem mais o posto e agora trabalha com uma empresa de construção civil. Sua solidariedade ao presidente Collor, porém, segue intocada. "Como não confiar num sujeito que devolveu o meu dinheiro do confisco e que agora vai devolver o compulsório, um dinheiro que eu julgava perdido", diz ele. Fiel ao sentimento de admiração que nutria pelo presidente Collor quando desceu a rampa do Palácio do Planalto ao lado dele, Colatino pendurou uma camiseta da seleção brasileira de futebol na janela de casa quando o Brasil se vestiu de preto, e mandou um telegrama ao porta-voz Etevaldo Dias pedindo que "os assessores do presidente não abandonem o barco".

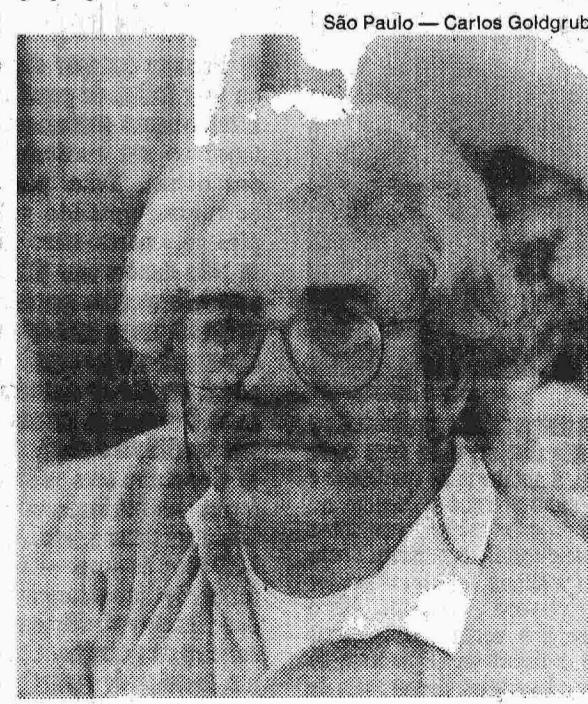


Juca de Oliveira
Ator

O trauma causado pelo bloqueio dos cruzados faz com que o ator Juca de Oliveira pense em transformar qualquer economia que venha a ter em algo concreto, ou, mais especificamente, em alguma coisa que esteja querendo comprar. Ele diz que hoje não tem sobrado nada no final do mês, ao contrário. Com o que ganha, ele paga o colégio da filha e outras despesas do dia-a-dia, "e fica sempre faltando".

Apesar do receio de alguma nova atitude drástica, o ator acredita que não há clima para outro confisco. "Isso poderia provocar uma revolução civil, dada à mobilização que existe entre a população." Depois de um ano afastado dos palcos, período em que não chegou a realizar outros trabalhos, Juca de Oliveira está em cartaz atualmente em São Paulo com a peça *Procura-se um tenor*. Ele diz que ainda não deu para guardar nada, e não acredita que isso seja possível a curto prazo.

Por ocasião do Plano Collor, Juca de Oliveira tinha guardado na poupança o valor suficiente para comprar um apartamento. Ele conta que, quando conseguiu ter o dinheiro de volta, a poupança valia praticamente a metade e já não dava para comprar mais nada. O ator diz que na ocasião ficou zangado, mas até compreendeu. Revoltado mesmo ficou recentemente, "quando soube o que o presidente e seus amigos estavam fazendo por trás". Ele lembra que quando aconteceu o confisco estava trabalhando com o também ator Fábio Stefanini, e que a mãe de Fábio, que teve todo o dinheiro na poupança bloqueado, faleceu a caminho do banco pelo golpe que o fato lhe causou.



Celso Jahnk
Empresário

O empresário Celso Jahnk, 40 anos, não aplica dinheiro no mercado financeiro desde que o Plano Collor I confiscou os cruzados de investimentos, contas correntes e poupanças, em março de 1990. "Depois daquele primeiro plano, eu virei gato escalado. Só deixo em conta corrente o mínimo necessário", conta ele, que não descarta um novo confisco e se protege da possibilidade como pode.

"Nós temos, infelizmente, um presidente em quem ninguém mais confia. Dele a gente pode esperar qualquer coisa, inclusive uma atitude de força num momento completamente inadequado", diz Jahnk. Decepção com as denúncias de corrupção que deram origem à crise política, seu único consolo é não ter votado em Collor para presidente. No primeiro turno, votou no tucano Mário Covas e, no segundo, em Luís Inácio Lula da Silva.

Seus investimentos são dirigidos para o próprio negócio. Atualmente, o empresário está montando uma loja de antiguidades no centro de Curitiba e seu capital está empregado na reforma e instalação do ambiente.